



ESPECIAL

POUPAR E INVESTIR

COMO RENTABILIZAR O SEU DINHEIRO EM 2020

O ano novo está à porta e é altura de escolher os melhores investimentos para a sua carteira. Neste especial, descubra conselhos de poupança e investimento para o ano que se avizinha, em diferentes classes de ativos.



GUIA DE POUPANÇA

Como famílias e empresas podem ter mais dinheiro em 2020 ● II

ENTREVISTA

Emília Vieira
CEO da Casa de Investimentos

“Sem poupança nunca somos donos do nosso destino” ● VI



FÓRUM

O aumento da poupança é importante para os portugueses? ● VII

GUIA DE POUPANÇA

Como famílias e empresas podem ter mais dinheiro em 2020

Existem vários motivos para poupar dinheiro mas pode ser necessário algumas estratégias ou dicas práticas para conseguir atingir esse objetivo. Poupe dinheiro sem grande esforço.

JOSÉ CARLOS LOURINHO

j.lourinho@jornaleconomico.pt

Cada pessoa tem os seus objetivos de vida, objetivos esses que são muitas vezes condicionados pela disponibilidade financeira. Independentemente dos motivos, torna-se cada vez mais evidente que é preciso poupar dinheiro e mudar de hábitos. Isto se queremos melhorar a qualidade de vida.

Porque é preciso poupar?

Antes de mais, porque é preciso poupar dinheiro? João Morais Barbosa, fundador do Grupo Reorganiza, realça que a primeira grande prioridade para conseguir garantir a sua segurança financeira passa por poupar para emergências. “Temos de poupar para aquelas situações imprevistas, mas que têm consequências fi-

nanceiras. Podemos falar de uma baixa que implica numa redução do rendimento ou no aumento das despesas (que pode ser balanceada por um bom seguro). Podemos falar de algum acidente ou mesmo de situações de desemprego. Se não poupamos para emergências estaremos a deixar a porta aberta para o aumento do endividamento”. É cada vez mais evidente que não teremos as reformas que sempre idealizámos muito fruto das alterações demográficas e das mudanças das regras de cálculo das pensões (aplicação de fator de sustentabilidade e consideração de toda a carreira contributiva). Assim, e como explica este conselheiro financeiro, um dos grandes motivos para poupar passa por acautelar a sua qualidade de vida na reforma. E quanto mais cedo começar, aconselha João Morais Barbosa, mais fácil

será atingir os seus objetivos. A poupança não tem de ser sinónimo de sacrifício. Pode parecer uma utopia mas quem nunca imaginou poder ter a liberdade financeira para poder tomar as de-

cisões mais acertadas na sua vida? Infelizmente, os constrangimentos financeiros obrigam-nos a tomar opções que talvez não sejam as ideais.

Risco não tem nada de errado

O fundador do Grupo Reorganiza explica que “se tivermos liberdade financeira seremos bastante mais criteriosos em algumas decisões que tomamos. Desengane-se quem acha que para atingir os seus objetivos pode apenas contar com as aplicações financeiras tradicionais e sem riscos”. Se queremos multiplicar o nosso dinheiro temos de investir e de tomar riscos, na expectativa de obter retornos superiores. O risco não tem nada de errado, quando conhecido e bem gerido. O problema surge quando “inventamos” e investimos em aplicações que não conhecemos. ●

A primeira grande prioridade para conseguir garantir a sua segurança financeira passa por poupar para emergências

CONSELHOS DO GRUPO REORGANIZA

EMPRESAS

PENSE OU REPENSE O CONTROLO DA SUA GESTÃO

É prática pouco corrente que as pequenas e médias empresas tenham um departamento formal de controlo de gestão. Simplesmente acabamos por fazer a gestão do nosso negócio tendo por base a conta bancária, esquecendo-nos que os resultados contabilísticos são diferentes dos resultados de tesouraria. As famílias já vão percebendo a importância de fazerem um orçamento, de o interpretarem e de controlarem o seu dinheiro. Todas as empresas, mas em especial as pequenas empresas e os empresários em nome individual, devem fazer um orçamento onde definem os seus objetivos de faturação e a sua estrutura de custos. Este passo é um passo preliminar para fazer um controlo e análise de desvios, de modo a perceber se a evolução verificada é igual à evolução prevista.

RENEGOCIAR OS SEUS CRÉDITOS

A generalidade das empresas em Portugal tem um ou vários créditos junto das instituições financeiras. Dada a evolução das taxas de juro e dado o bom ambiente económico que se vive, pode ser possível reestruturar os seus créditos, nomeadamente reduzir as taxas de juro que lhe são cobradas. Tenha também em mente que as comissões bancárias estão a subir com uma regularidade maior do que o razoável, pelo que pode também beneficiar em encontrar alternativas para a gestão das suas contas bancárias.

CONTRATE UM BOM FISCALISTA

Não tem de aumentar a sua estrutura de custos fixos. Pode recorrer a escritórios de advogados ou a um bom escritório de contabilidade de modo a ter uma melhor gestão da sua conta com o Estado. A lei fiscal permite-nos um conjunto de deduções que podem ser muito vantajosas, quer seja para recuperar o IVA, para remunerar melhor os colaboradores (como sendo os cheques-creche, os cartões de refeição, os fundos de pensões ou PPR, por exemplo) ou para poupar no IRC (como sendo o incentivo ao aumento de capital das empresas em troca de dedução fiscal nos próximos 5 anos). Um bom conselho pode fazer toda a diferença, para usar a lei a seu favor.

ATAQUE TODOS OS CUSTOS

Não defendemos que as pessoas e as empresas vivam numa austeridade tal que acabem por se ver sufocadas. No entanto, defendemos que façam um bom controlo de custos e que tenham o hábito de renegociar os vários contratos, não esquecendo, contudo, a relação de parceria que devem ter com os seus fornecedores. Por exemplo, existem já fintechs que nos ajudam a poupar em vários serviços, como sendo as telecomunicações ou as faturas de eletricidade e gás.

ATENÇÃO AOS CUSTOS FIXOS E CONSTITUA UMA BOA BASE DE ATIVOS

Um fator fundamental para uma correta gestão do nosso dia-a-dia passa por ter uma atenção especial às responsabilidades fixas que assumimos. Tenha em mente que as despesas fixas se mantêm independentemente de ter ou não ter faturação. Logo, use de alguma prudência antes de assumir novas responsabilidades fixas. O valor das empresas não está apenas nas vendas. As vendas são o resultado de uma base de ativos que são rentabilizados todos os anos. Falamos aqui de marcas, patentes, infraestruturas ou outros ativos. Deverá focar a sua atenção na constituição de uma boa base de ativos e, para isso, talvez faça sentido procurar reter os resultados líquidos na empresa (ao invés de os distribuir todos os anos aos sócios).





D.R.

PARTICULARES

**VIVER ATÉ
AO FIM DO MÊS**

Quem nunca passou pela experiência de não saber onde foi parar o seu dinheiro? Os exemplos são diversos de pessoas que vão fazendo as suas despesas e não sabem onde gastaram o dinheiro. Não raras vezes, deixam de viver e começam a cortar nas despesas para garantir que o salário chega ao final do mês. Com isso, deixam de fazer muitas despesas essenciais simplesmente porque faltou planeamento. Assim, por que não começar a planear com maior cautela as despesas dos próximos meses? Talvez fazer planos mensais e um plano anual mais alargado?

**FALAR MAIS
SOBRE DINHEIRO**

Queremos com esta ideia chamar a atenção para a necessidade de acautelar alguns problemas familiares. Uma das grandes causas de problemas familiares é um desalinhamento de objetivos e prioridades dos dois membros do casal. No próximo ano, sugerimos que se foque em falar mais sobre os vossos objetivos. Sobre marcos importantes que ambos querem alcançar. Sobre as formas de atingir estes objetivos.

**COMPRAR
COM DINHEIRO**

Fazer despesas com dinheiro aumenta a dor do pagamento o que nos faz mais conscientes dos impactos de determinada compra. Saiba que as despesas com cartão (seja de crédito, seja de débito) resultam numa despesa bastante maior do que as compras com dinheiro.

**PENSAR MAIS
NA SUA FAMÍLIA**

Pensar mais nos outros dá-nos uma nova perspetiva da vida. Ajuda-nos a por as ideias em contexto. Em relativizar os problemas. Mas também pode ser um incentivo para acautelarmos o futuro de outro modo. Por exemplo, pode motivar-nos a começar um programa de poupanças para emergências. Ou a fazer um bom seguro de vida para proteger a nossa família de alguma eventualidade.

**ACABE COM O DESCOBERTO
DA CONTA ORDENADO**

O descoberto da conta ordenado é mais um convite para a entrada do crédito na sua vida. Mascarado de uma facilidade interessante e cómoda, este tipo de crédito é dos créditos mais caros do mercado.

**ESCOLHER UM BANCO
MAIS AMIGO DA SUA FAMÍLIA**

Em todo este processo é fundamental trabalharmos com um banco que seja mais amigo da nossa carteira. Isto quer dizer escolher a conta bancária que melhor se adequa às nossas necessidades, seja pela disponibilização de depósitos a prazo com taxas acima da média ou seja pela disponibilização de contas bancárias sem comissões de manutenção.

**JÁ UTILIZOU
O MEALHEIRO?**

Experimente utilizar um mealheiro para juntar todas as pequenas moedas que acabam por se perder no fundo da carteira e verá que vai conseguir poupar bastante dinheiro sem qualquer esforço. Muitas famílias acabam por pagar o prémio anual do seguro automóvel ou mesmo os livros escolares com este pequeno gesto.

**APROVEITE
A VIDA**

Viver uma vida financeira com algumas regras, com cautela e com planeamento permite-nos aproveitar a vida para fazermos o que mais queremos fazer. O dinheiro é um instrumento que nos ajuda a satisfazer algumas necessidades mas... é só isso. Se acautelarmos a componente financeira, teremos depois a paz de espírito para viver a vida de forma descansada e aproveitando o que realmente vale a pena aproveitar.

**INVISTA
O SEU DINHEIRO**

Invista o seu dinheiro para obter um retorno adicional. Qualquer taxa acima de zero irá representar um aumento das suas poupanças. O segredo para poupar dinheiro é estar atento às pequenas despesas e tornar o processo o mais automático possível.

ESPECIAL POUPAR E INVESTIR

PERFIL DO INVESTIDOR

Nunca a aversão ao risco pagou tão pouco

Com as taxas de juro negativas, investir em imobiliário e ações norte-americanas é uma alternativa para fazer crescer as poupanças.

ANTÓNIO VASCONCELOS MOREIRA
amoreira@jornaleconomico.pt

Se lhe pedissem 2.500 euros emprestados durante três meses e, em troca, lhe oferecessem nove euros, emprestaria o seu dinheiro? Talvez, tudo depende do seu perfil de investidor. Mas fique a saber que este é o depósito a prazo a três meses mais rentável no mercado que encontrámos. É uma oferta não renovável que o Banco Best está a fazer para os novos clientes, a quem paga uma taxa de juro bruta de 2% (em termos líquidos desce para 1,44%).

O BiG – Banco de Investimento Global tem uma oferta em tudo semelhante à do Banco Best, com a diferença de o mínimo de subscrição ser de 500 euros. Ao fim de três meses, ganharia dois euros.

Esta é a realidade da maioria das taxas de juro pelas quais os bancos estão a compensar os clientes pelo seu capital. A culpada: a Euribor.

A Euribor é a taxa de referência para os bancos fixarem as taxas de juro nos depósitos a prazo e, no momento em que este texto foi escrito, estava negativa nos cinco prazos em que é aplicada: de -0,272% a doze meses até -0,491% a uma semana.

Os depósitos a prazo são uma aplicação financeira oferecida por todos os bancos e, por isso, bastante popular. Para os investidores que têm aversão ao risco e querem ter o seu dinheiro seguro – mas que não procuram grandes retornos – é uma opção de poupança válida. Afinal, o que fazer com o próprio dinheiro é uma decisão de cada um.

Façamos outro exercício mas, em vez de emprestar dinheiro a um banco, empresta ao Estado 2.500 euros durante dez anos num certificado de aforro que pode subscrever em qualquer balcão dos CTT.

De acordo com as condições de mercado verificadas no dia em que este artigo foi escrito, segundo o simulador *online* dos CTT, um certifi-

cado de aforro de 2.500 euros subscrito no dia 12 de dezembro de 2019 teria uma rentabilidade de 1,30 no quarto trimestre do décimo ano. Por outras palavras, em 2029 teria um ganho adicional de 743,40 euros – uma média de 74,340 euros por ano.

Segundo o IGCP, que emite os certificados de aforro, “a taxa de juro bruta para novas subscrições e capitalizações para certificados de aforro, Serie E, em dezembro de 2019, foi fixada em 0,596%”.

Outra vez, se o perfil do investidor for caracterizado por aversão ao risco, os certificados de aforro são outra opção para ter em conta.

Outra opção segura consiste nos planos de poupança-reforma (PPR), nomeadamente um seguro PPR, porque tem o capital garantido, ao contrário dos fundos PPR.

Mas, segundo a Deco, que analisou a rentabilidade de quase 700 PPR, tanto os que garantem o capital como os de maior risco, renderam, em média, “uns pouco estimulantes 2,2% ao ano” entre 2016 e 2018.

No entanto, numa altura em que a taxa de poupança das famílias está em mínimos históricos e é das mais baixas da Europa, estas três opções para pôr o seu dinheiro a render não vão fazer crescer exponencialmente o seu dinheiro no futuro, quando entrar na reforma.

Mas, se tiver um perfil menos avesso ao risco, considere investir em fundos de investimento em ações, especialmente fundos expostos às cotadas norte-americanas, cujos três principais índices valorizaram mais de 20% nos onze primeiros meses do ano.

Se tiver capital disponível ou quiser contrair um crédito, aproveitando as taxas de juro negativas, poderá adquirir um imóvel para depois arrendar. As rentabilidades no mercado residencial em zonas ‘prime’ em Portugal rondam os 5% a 6% ao ano, mas em alguns casos esta *yield* pode ser superior, segundo os especialistas ouvidos pelo Jornal Económico (ver página 8). ●



PLANOS POUPANÇA REFORMA

Saiba distinguir entre fundos e seguros PPR

O perfil do investidor, a apetência pelo risco e a idade do aforrador no momento da subscrição do PPR são cruciais na escolha da melhor opção.

Os Planos de Poupança Reforma (PPR) são das aplicações financeiras mais recomendadas pelos bancos para ter uma almofada financeira durante a reforma. No fundo, um PPR é uma aplicação de longo-prazo que permite acumular capital até que um trabalhador chegue à idade da reforma. O aforrador – o subscritor do PPR – entrega determinado montante a uma entidade – uma companhia de seguros ou uma sociedade gestora de fundos de pensões – que investe o seu dinheiro com o objetivo de gerar um retorno no futuro. Existem dois tipos de PPR: os fundos PPR e os seguros PPR. O que os distingue? Numa palavra, é o risco.

Os fundos PPR assemelham-se a um fundo de investimento mobiliário – por exemplo, um fundo de investimento em ações norte-americanas – no qual o aforrador tem detém uma unidade de participação consoante o montante investido, mas não tem capital garantido. Ou seja, nos fundos PPR, o aforrador pode perder o capital investido. Mas também pode ganhar muito mais do que nos seguros PPR.

Diferentemente, os seguros PPR têm o capital garantido, não havendo o risco de perda do dinheiro investido. Neste tipo de PPR, a seguradora aplica o capital do aforrador num fundo autónomo, que tem um rendi-

mento mínimo e capital garantido.

Escolher entre um fundo PPR ou um seguro PPR depende essencialmente da aversão ao risco do aforrador, mas também da idade.

Quanto mais tempo estiver entre o momento de subscrição do PPR e a reforma, mais arriscado pode ser. Quanto mais jovem for, mais riscos pode correr, pelo que, se procura uma rentabilidade superior do capital que investiu, subscrever a um fundo PPR pode ser uma solução a ter em conta.

Caso contrário, se no momento da subscrição do PPR estiver mais próximo da reforma – por exemplo, dez ou 15 anos – subscrever num seguro PPR poderá ser a es-

FUNDOS DE INVESTIMENTO

Ações dos EUA nos três fundos mais rentáveis em 2019

Os fundos de investimento em ações que apostaram no *bull market* das bolsas americanas para gerar retornos próximos dos 30%.

O *bear market* que caracterizou a reta final de 2018 não fazia antecipar os retornos que os investidores iriam conseguir em 2019. E, numa altura em que há poucas alternativas de investimento devido ao contexto atual de taxas de juro negativas na zona euro, o investimento em ações tem sido o 'porta-estandarte' dos retornos financeiros deste ano, especialmente os mercados bolsistas norte-americanos.

Os números não enganam. Nos Estados Unidos, os três principais índices da bolsa de Nova Iorque registaram ganhos superiores a 20% entre o início do ano e 30 de novembro de 2019. O tecnológico Nasdaq, com uma valorização de 30,6%, é o 'rei' dos retornos, à frente do S&P 500 e do Dow Jones.

Mais do que investir diretamente em ações, o aforrador com alguma apetência para o risco – e para os retornos – pode sempre investir em fundos de ações.

Segundo os dados da Morningstar, consultora independente, os dois fundos de investimento mais rentáveis em Portugal nos onze primeiros meses do ano têm uma exposição forte ao *bull market* das bolsas norte-americanas.

Entre os dez fundos de investimento mais rentáveis em Portugal, o BPI Ações Mundiais FIAA, gerido pela BPI Gestão de Ativos, registou um retorno de 32,86% desde o início do ano. De acordo com a "Fundspeople", uma revista

especializada no setor, que cita os dados da Morningstar, o BPI Ações Mundiais FIAA apresenta uma alocação ao setor tecnológico superior a 23% e é altamente exposto a ações norte-americanas, que representam 70% do portefólio de ações.

Em segundo lugar deste 'top 10' dos fundos de investimento mais rentáveis em Portugal, surge novamente um fundo fortemente exposto às ações norte-americanas. O BPI América D FIAA é inteiramente composto por ações norte-americanas, com um portefólio sectorial diversificado e apresenta um retorno de 31,07% até novembro. Segundo a Morningstar, 19,76% está alocado ao setor tecnológico, surgindo o setor da saúde, com 16,93% e os serviços financeiros, com 15,64%. O consumo e a indústria são os outros setores em que este fundo investe.

No último lugar do pódio dos mais rentáveis, com um retorno de 28,52% nos primeiros onze meses do ano, surge o IMGA Ações América FIAA, gerido pela IM Gestão Ativos.

A alocação deste fundo é 100% ao mercado norte-americano, sendo que mais de 96% é alocado a ações dos EUA. Com 19,28% da alocação, o setor tecnológico volta a ser o que tem mais peso no IMGA Ações América FIAA, com 19,28%, seguindo-se os serviços financeiros, com 15,48%. ●

OS DEZ FUNDOS DE INVESTIMENTO MAIS RENTÁVEIS EM PORTUGAL

Fundo	Sociedade Gestora	Retorno*
BPI Ações Mundiais FIAA	BPI Gestão de Ativos	32,86
BPI América D FIAA	BPI Gestão de Ativos	31,07
IMGA Ações América FIAA	IM Gestão Ativos	28,52
Caixagest Ações Líderes Globais FIMAA	Caixa Gestão de Ativos	26,81
Caixa Ações EUA FIMAA	Caixa Gestão de Ativos	26,8
Caixa Ações Eurp Socialmente Resp FIMAA	Caixa Gestão de Ativos	26,5
Santander Ações América CC FIMAA	Caixa Gestão de Ativos	26,29
IMGA Global Equities Selection	IM Gestão Ativos	25,98
IMGA European Equities FIAA	IM Gestão Ativos	24,29
NB Momentum FIMAA	GNB Gestão de Ativos	24,18

Fonte: Morningstar e Fundspeople *desde o início do ano até 30 de novembro(%)

Investir em Portugal?



Joana A. de Oliveira
Advogada Associada

Amiúde, é transmitido aos leitores que o final da intervenção da Troika, o crescimento do Produto Interno Bruto e a diminuição do défice público, associadas à eleição do Senhor Ministro das Finanças como Presidente do Eurogrupo, fazem crer que investir em Portugal é uma solução segura – mais do que isso: uma solução segura a longo prazo. A questão surge então: investir em que área?

Apesar do aparente quadro macroeconómico favorável, não se pretende que os agentes económicos realizem investimentos nos serviços públicos sem que lhes seja dada uma garantia de retorno financeiro (o que sucede, com maior relevo e dependendo dos termos negociados, no caso de celebração de parcerias público-privadas, que, tudo parece indicar, é uma opção longínqua, considerando o recente sucedido na negociação da Lei de Bases da Saúde).

Portugal atravessa, na verdade, crises: na demografia, na agricultura, decorrente, em geral, das alterações climáticas.

Foram publicadas, esta semana, as propostas de Lei de Orçamento de Estado para o ano de 2020, bem como as Grandes Opções do Plano 2020-2023 (as "GOP").

As GOP – que, no fundo, orientam os cidadãos e demais interessados, para as opções dos futuros orçamentos de Estado – assentam, destacamos nós, em duas agendas estratégicas: as alterações climáticas e valorização dos recursos, bem como na transição digital e uma sociedade da inovação.

Não fique, porém, o leitor surpreendido com estas agendas estratégicas, as quais, aliás, há muito se procuram implementar em Portugal. A questão permanece: como poderão os agentes económicos contribuir para o aumento do Produto Interno Bruto?

A transição digital, com vista ao desenvolvimento de uma sociedade da inovação, não carece de novas empresas, podendo ser implementada diretamente nas empresas existentes, sem que essa implementação implique o despedimento de trabalhadores.

Em acréscimo, investir, cremos nós, pode revelar-se uma opção financeiramente relevante, na defesa do ambiente, sem discursos extremistas, com vista à criação de uma verdadeira sociedade da inovação.

Investir na desmaterialização total do setor terciário, de modo a que as empresas, sobretudo as prestadoras de serviços, celebrem contratos de inovação – com benefícios fiscais associados –, caso criem, por exemplo, maquinaria que permita a plantação automatizada de árvores autóctones em áreas ardidas.

Investir, acreditamos nós, na eliminação do papel, de modo a que as empresas que o eliminem sejam objeto de benefícios fiscais. Investir, sim, na criação de mecanismos, com benefícios fiscais, para habitações sustentáveis em si mesmas, por exemplo, pela implementação de sistemas de micro-tratamento de águas residuais para a lavagem da loiça.

Porque não?



Com o apoio SOCIEDADE DE ADVOGADOS

colha mais prudente, uma vez que tem capital garantido.

Para escolher o PPR, tem de ter em consideração duas coisas: o retorno gerado, calculado em função da taxa de juro, e as comissões de subscrição, de transferência e reembolso.

Por serem aplicações financeiras de longo-prazo, geralmente a subscrição de um PPR penaliza as situações de resgate antecipado – retirar o capital do PPR antes do tempo contratado.

No entanto, há determinadas situações em que o aforrador pode recorrer ao resgate antecipado sem ser penalizado.

Não terá qualquer penalização no caso de se reformar por velhice ou quando atingir os 60 anos, desde que tenha subscrito o PPR há mais de cinco anos. Se estiver a pagar a prestação do crédito à habitação, também não terá qualquer penalização. Também nos casos de desemprego de longa-duração, incapacidade permanente para trabalhar, doença grave de algum membro da família ou morte do subscritor, não há penalização para o resgate antecipado. ● AVM

ESPECIAL POUPAR E INVESTIR

ENTREVISTA **EMÍLIA VIEIRA** CEO da Casa de Investimentos

“Sem poupança nunca somos donos do nosso destino”

Emília Vieira considera que a baixa taxa de poupança prende-se com a incapacidade de esperar por retornos maiores no longo-prazo. Mas a educação pode inverter a situação, garante a CEO da Casa de Investimentos, ao JE.

ANTÓNIO VASCONCELOS MOREIRA
amoreira@jornaleconomico.pt

A falta de poupança de hoje condena o nosso bem-estar financeiro no futuro, disse a CEO da Casa de Investimentos, Emília Vieira, numa entrevista por escrito ao Jornal Económico. A gestora aborda os problemas que a baixa taxa de poupança atual que se regista em Portugal acarreta para as famílias e para a economia. “Poupar não tem de ser complexo”, frisou a CEO da Casa de Investimentos, que privilegia o investimento em ações, numa lógica de (muito) longo-prazo, tendo em conta o valor intrínseco das empresas.

Emília Vieira defende que é crucial alterar os hábitos de poupança em Portugal e dá a receita: a educação. “Os hábitos de poupança devem ser incutidos em idades precoces, realçando a vantagem de não usarmos no imediato todos os recursos à nossa disposição, mantendo a liberdade para tomarmos decisões no futuro”, explicou.

O que explica a baixa taxa de poupança em Portugal?

“Poupar é o custo de oportunidade de um futuro mais próspero”. Esta frase, da autoria de Ana Tostão e que foi uma das vencedoras do passatempo “Poupar é ...” que desenvolvemos recentemente com o Jornal Económico, ajuda a responder a essa pergunta. Na decisão de poupar, há efetivamente uma escolha a fazer entre o “eu presente” e o “futuro eu”. Quando poupamos, estamos a privilegiar o segundo a expensas do primeiro. Acontece que a nossa psicologia de humanos nos leva a sobrevalorizar os benefícios fruíveis no agora. Como se isto não bastasse, vivemos tempos que só reforçam a inclinação para o imediatismo. Se já não aceitamos bem esperar quinze minutos por um transporte urbano, como teremos paciência para aguardar anos pela materialização de uma promessa de vantagens? Por último, o contexto dos últimos anos de taxas de remuneração muito baixas nas aplicações que os



“

Quanto à economia, a poupança é o garante dos meios que permitem reduzir o endividamento e realizar investimentos potenciadores da sua capacidade competitivas

portugueses ainda privilegiam, também não tem constituído motivação para a poupança.

Trata-se de problema que afeta todas as gerações de forma transversal?

Os estudos disponíveis não são muito esclarecedores relativamente a como se distribui, em Portugal, a poupança entre as diferentes gerações e é prudente termos algumas reservas relativamente a generalizações. Contudo, há indícios de diferenças relativamente à forma como, em termos agregados, os indivíduos de diferentes gerações se relacionam com o dinheiro, com os segmentos da população com mais de 34 anos a terem

mais apego à propriedade e à detenção de bens e os segmentos mais recentes a conviverem muito naturalmente com o “as a service”, o aluguer circunstancial de produtos que não detêm. Dentro destes, a geração Y (também conhecida por “millennials” e hoje com idades entre os 18 e os 34 anos) parece revelar particular propensão para canalizar os rendimentos para a miríade de contribuições e subscrições que lhe dão prazer, propósito ou sentido de pertença no imediato, enquanto a geração seguinte (Z) dá, curiosamente, alguns sinais de maior apetência para a formação de poupança.

Como aumentar a taxa de poupança das famílias?

Excetuando os casos de famílias que não tenham acesso a rendimentos que permitam um nível de vida digno ou enfrentem despesas de dimensão material que escapem ao seu controlo, poupar não tem nada de complexo. O problema é que, embora simples, isto é difícil de executar, pois contraria a natureza humana, ao exigir a capacidade de conter os impulsos do agora em prol de um bem mais distante no futuro. Os hábitos de poupança devem ser incutidos em idades precoces, realçando a vantagem de não usarmos no imediato todos os recursos à nossa disposição, mantendo a liberdade para tomarmos decisões no futuro. É importante evidenciar a flexibilidade que nos permite e que nos torna mais livres, mais donos do nosso futuro. Tão simples como podermos fazer escolhas e cumprir sonhos que vamos construindo ao longo da vida.

A literacia financeira poderia contribuir para o aumento da poupança...

...acredito sinceramente que a educação é o grande motor de transformação de uma sociedade. Na minha carreira de 30 anos a trabalhar em educação e mercados financeiros, tenho visto pessoas com rendimentos modestos acumularem valores substanciais de riqueza. A acumulação de riqueza depende muito mais do que poupamos e da disciplina com que o

fazemos ao longo da vida do que de quanto ganhamos. Poupar todos os dias tem um impacto enorme a longo prazo.

Mas porque é importante para a economia e para as famílias aumentar a taxa de poupança?

Para as famílias, a poupança é uma condição necessária ao investimento o qual, se for oportuno e bem realizado, conduz à conquista e à preservação da independência financeira. Sem esta, nunca seremos verdadeiramente livres, nem donos do nosso destino, em qualquer das diferentes dimensões da nossa vida - familiar, profissional e social. Já quanto à economia, a poupança é o garante dos meios que permitem reduzir o endividamento e realizar investimentos potenciadores da sua capacidade competitiva. Se não reduzir o seu endividamento, uma economia fica refém dos credores e dos humores dos mercados financeiros; se não investir, deixa de crescer, momento em que, como acontece com os organismos, começa a definhir.

Em que ativos recomenda investir com vista a aumentar a poupança dos portugueses no longo-prazo?

A sua pergunta está muito bem colocada porque esclarece o horizonte temporal de investimento. A mais de cinco anos, desejavelmente a mais de dez, se possível para sempre, e sob uma estratégia orientada ao valor intrínseco dos negócios subjacentes aos títulos, não vacilamos em recomendar as ações - a classe de ativos que melhor tem remunerado os investidores. Realço que investir em ações de boas empresas mundiais é ter direito aos lucros que estas empresas ganham. Por isso, para proteger os valores que investimos procuramos comprar ações de empresas sólidas a preços baratos. Esta é a receita para ter os valores aplicados de forma segura e com melhor rentabilidade. A Casa de Investimentos fez recentemente nove anos. A rentabilidade acumulada é de 123,84%. Isto significa 9,37% ao ano, em média ●

MEDO DO INESPERADO? POUPE

Os portugueses têm das menores taxas de poupança da Europa. Sem uma almofada financeira, estão expostos a situações adversas inesperadas, como o desemprego. Especialistas dão a receita para aumentar a poupança.

1 PORQUE RAZÃO É QUE O AUMENTO DA POUPANÇA É IMPORTANTE PARA OS PORTUGUESES E PARA A ECONOMIA?



PEDRO LINO
Presidente do conselho de administração da DiF Brokers

POUPANÇA DEVE SER PRIORIDADE NACIONAL

O nível de poupança dos portugueses tem vindo a diminuir de forma expressiva desde a entrada de Portugal no euro. Seja pelo aumento dos preços, pela crise financeira, a estagnação de salários ou simplesmente devido a uma maior carga fiscal, a segurança financeira futura dos portugueses está em risco. A poupança tem sido menosprezada nos diversos Orçamentos de Estado, um dos pilares fundamentais para uma economia forte e funcional, pois permite diminuir a dependência do financiamento externo, mantendo o sistema financeiro saudável. A inversão da pirâmide demográfica, traduzida no aumento do número de reformados em face do número de pessoas empregadas, constitui um sério problema humano e financeiro, porque as despesas com saúde tendem a aumentar e a receita esperada para a segurança social tenderá a diminuir, a não ser que através de contribuições extraordinárias do orçamento de estado. Neste contexto, a poupança deveria ser encarada como uma prioridade nacional. A constituição de complementos de reforma diversos, seja por via da constituição dos Planos de Poupança Reforma (PPR), de investimento em fundos de investimento ou no mercado de capitais ou ainda a exposição ao imobiliário deveriam estar no radar dos portugueses uma vez que permitem aumentar o bem estar social e psicológico. Basta pensar nas situações difíceis vividas por muitas famílias durante a crise financeira, para perceber que ter uma almofada financeiro pode fazer a diferença. No caso das empresas a situação é semelhante. Quando os mercados financeiros se fecharam para Portugal durante a *troika*, as empresas sem folgas financeiras ou

as mais endividadas ficaram dependentes de um sistema financeiro fragilizado e muitas acabaram por falir. O impacto da ausência de poupança nas falências e na diminuição do crescimento potencial da economia portuguesa nunca foi verdadeiramente calculado, uma vez que, até hoje, através do fundo de resolução, continuamos a pagar estes problemas e a restringir o investimento, no que é o verdadeiro motor da economia. Infelizmente a memória é curta, e a importância de investimento e poupança tem sido descurada pela busca de objectivos de curto prazo – cobrança de impostos sobre o consumo.



HUGO FREITAS
Responsável de Produtos de Investimento do ABANCA Portugal

APOSTAR NA LITERACIA FINANCEIRA

A taxa de poupança das famílias mede a parte do rendimento disponível que não é utilizado em consumo final, é o rácio entre a poupança bruta e rendimento disponível. A poupança é vital à economia pois é o que sobra do rendimento disponível depois dos gastos em consumo, assim é deste montante que podem ser constituídos os nossos fundos de reserva (para momentos mais adversos) ou para, por exemplo, investir. Há uma relação íntima entre o potencial de crescimento de uma economia e o nível de investimento que está a ser feito nesta. Pode concluir-se que sem poupança não há crescimento económico sustentado, como quem diz, se eu não conseguir poupar, não consigo investir, e se não consigo investir, não consigo crescer. Se analisarmos a evolução da taxa de poupança das famílias em Portugal verificamos uma tendência de decréscimo sendo atualmente de 4,6% do rendimento disponível segundo os dados do INE. Podemos concluir que a taxa de poupança das famílias em Portugal

nos últimos 5 anos caiu para quase metade (de 7,8% para 4,6%) registando atualmente uma das piores leituras desta série histórica. Uma das chaves para um aumento da poupança poderá residir no fomento da literacia financeira. Aqui não foco apenas em saber no que estamos a investir, mas principalmente em utilizar os recursos financeiros (escassos) de forma eficiente. Algo tão simples como abastecer combustível em postos com preços mais competitivos, em fazer as compras não recorrentes em períodos de maiores descontos, em procurar os fornecedores mais competitivos em telecomunicações, eletricidade ou gás. Estas contas à poupança permitem algo tão útil como continuar a usufruir dos mesmos serviços com um nível de custo mais baixo. Além das iniciativas pontuais que temos vindo a assistir neste âmbito, algo mais estrutural como incluir esta matéria numa disciplina no contexto de um programa escolar teria potencial para ter um impacto a médio prazo bem mais relevante e visível.



JOSÉ MIGUEL CALHEIROS
Administrador do Bankinter, Gestão de Ativos

BENEFÍCIOS FISCAIS AJUDAM A POUPAR

A taxa de poupança das famílias portuguesas está nos 5%, cerca de metade da Europa, fruto da intervenção da *troika* em Portugal na primeira metade desta década. Uma taxa de poupança tão baixa põe em causa o ritmo de crescimento económico de Portugal a médio prazo, dado que, para crescer de forma sustentada, é preciso investir (bem!) no desenvolvimento dos recursos produtivos da economia. Uma vez que estamos muito perto do limiar da sustentabilidade da nossa dívida externa, o investimento tem de ser sustentado pela poupança interna, em particular pela das famílias. Por outro lado, os

portugueses, ao pouparem tão pouco, tornam-se mais vulneráveis aos imponderáveis de curto prazo da sua vida pessoal, casos do desemprego ou aumento do custo de vida, e à dura realidade da entrada na reforma, com a perspectiva, cada vez mais clara, de queda pronunciada do seu nível de rendimentos. Torna-se clara a necessidade de incrementar os níveis de poupança das famílias, algo que pode ser conseguido através de duas medidas: a introdução de benefícios fiscais à poupança/investimento com determinados fins, por exemplo, para a reforma ou o investimento na estrutura de capital de empresas/projetos portugueses; e a introdução, para todos os trabalhadores, de uma contribuição por defeito para um regime complementar ao da Segurança Social, da qual apenas se poderia abdicar por vontade expressa (e dessa forma, beneficiando da inércia que nos caracteriza, obrigando a uma poupança “forçada”). A indústria de gestão de ativos portuguesa tem já hoje no leque da sua oferta, produtos que permitem responder a essa necessidade, nomeadamente os fundos PPR, cujo formato e características de um fundo de investimento, aliados às vantagens fiscais, os tornam ímpares. Um «empurrão» das autoridades competentes seria bem-vindo pelos portugueses, para começar a resolver o atraso neste tema face aos nossos parceiros europeus. fsd fsdfsd fsdf



MARCO SILVA
Consultor de Estratégia e Investimento

POUPANÇA DEVE SERVIR PARA INVESTIR

A poupança é um dos temas mais importantes não apenas para o cidadão individual como para a Economia, não sendo no entanto um assunto tão simples como se poderá presumir à partida.

Isto porque se um nível elevado de poupança é indiscutivelmente benigno para a Economia é preciso que o ciclo do investimento se feche, para que os benefícios não se tornem em constrangimentos, nomeadamente devido ao “Paradoxo de Thrift”, onde um aumento súbito de poupança leva a que o consumo privado se restrinja de tal forma que afecta o crescimento económico, o que por sua vez leva a uma recessão e aumento do desemprego, ou ao prolongamento de ambos, como ocorreu no Reino Unido após a Grande Depressão de 1929. Ou seja, a poupança deve ser utilizada para investimento, que fomenta o crescimento económico, não servindo de nada se ficar parada nos “cofres dos Bancos”, o que para a Economia seria o mesmo que o capital ficar “debaixo do colchão”. Por outro a poupança é uma via importante para garantir uma estabilidade financeira um pouco por toda a vida profissional do cidadão, mas principalmente na fase da reforma, altura em que um investimento bem feito no início da sua carreira poderá valer uma pequena fortuna, garantindo assim um final de vida financeiramente despreocupado e sem depender do Estado. Outro ponto relevante tem a ver com o tipo de poupança a fazer, hoje existem facilmente acessíveis a qualquer cidadão, um sem número de investimentos interessantes que se podem fazer fora do tradicional “depósito a prazo” ou dos PPR’s, por exemplo o investimento directo em índice de acções ou a Fundos de sectores específicos, como o imobiliário, permitindo a um investidor bem informado tirar partido de rentabilidades muito superiores consoante o ciclo económico e com o mesmo ou um pouco mais de risco. Importa acima de tudo é planear convenientemente e saber muito bem o que se está a fazer, a poupança é uma das decisões mais importantes que tomamos na nossa vida, pelo que deve ser encarada com respeito e seriedade, porque é o nosso futuro que está em causa.



Cristina Bernardo

IMOBILIÁRIO

Poupar e investir na habitação: saiba como ser bem sucedido

Comprar casa é das decisões mais importantes na vida de um cidadão. Mas pode ser também um bom investimento. Rentabilidades no segmento residencial em zonas *prime* andam entre os 4% e os 5%.

RODOLFO ALEXANDRE REIS
reis@jornaleconomico.pt

Já diz o ditado: ano novo, vida nova e uma forma de levar esta expressão à letra pode ser através do investimento numa nova habitação. No entanto, existem alguns factores que deve ter em consideração na hora de avançar para a compra de uma residência, por forma a poder poupar mais uns euros e não correr riscos de endividamento. Por outro lado, a aquisição de uma casa pode também ser uma boa fonte de investimento, assim saiba analisar todas as vertentes necessárias para conseguir ser bem sucedido. A plataforma compara-

dora de serviços “Compara Já”, deixa alguns conselhos que deve ter em conta seja na hora de poupar ou de investir na sua habitação.

Pesquise, analise e só depois escolha

Uma das maneiras de encontrar casas a preços mais acessíveis é nos leilões levados a cabo pelo Fisco.

Para isso, basta dirigir-se ao portal das finanças para poder ter acesso aos imóveis e às datas dos leilões, onde se pode inscrever. Além disso, pode ainda analisar as casas detidas pelos bancos e caso opte por comprar alguma, garante condições mais vantajosas de financiamento, que em alguns casos pode ser de 100%.

Não compre uma residência que não pode pagar ou que seja demasiado grande para as suas necessidades. Opte por um espaço adequado ao seu agregado familiar e não terá despesas desnecessárias futuras

Se a sua decisão passa por comprar uma casa de forma antecipada, o primeiro passo é começar a poupar para conseguir uma boa entrada. Assim, vai arranjar mais facilmente o financiamento e dessa forma pagar o empréstimo durante menos tempo. Com esta medida vai também poder pagar prestações mais reduzidas, bem como poupar nos juros.

Não dê um passo maior que a perna

Antes de avançar para a compra de casa olhe para o seu ‘bolso’ e faça as contas sobre os seus gastos mensais, para perceber quais são as despesas que costuma ter, de forma a saber qual o valor que pode

dispensar para empréstimo. Compre a habitação apenas se for possível, para evitar problemas desnecessários no futuro.

O mesmo cenário aplica-se na escolha da casa. Não compre uma residência que não pode pagar ou que seja demasiado grande para as suas necessidades. Opte por um espaço adequado ao seu agregado familiar e assim não terá despesas desnecessárias futuras.

Depois de analisar todos estes parâmetros e se a sua vontade é mesmo comprar casa é hora de comparar as condições de financiamento bancário. Simule os empréstimos mais vantajosos para si. Esteja atento a todos os incentivos à compra existentes e tente negociar o spread com o seu banco. Ter um bom historial de crédito (ou seja, não ter o seu nome na lista negra do Banco de Portugal) e não ter dívidas são dois fatores muito relevantes para as instituições aquando do pedido de financiamento.

Investir e poupar

“Procurar zonas onde a oferta for inferior à procura, ou seja onde os preços durante a crise não desceram mais de 10%” é de acordo com Daniela Costa, *consultant & research* da Prime Yield, uma boa forma de poupar e investir na compra de uma habitação.

Por sua vez, Nuno Nunes, *senior director* do departamento de capital markets da CBRE, olha para o ponto de vista das *yields* que por norma “estão associados a pequenos montantes, que nunca são inferiores a 200 mil euros”, sendo “difícil encontrar investimentos no imobiliário direto abaixo deste valor”.

Na hora de pesar na balança o peso do lucro e da poupança, o responsável afirma que desde logo é necessário “tentar perceber, por exemplo, num apartamento de 100 mil euros que renda é que vai gerar. Se conseguir uma renda de mil euros anuais está a fazer um mau investimento, porque há investimentos alternativos que lhe dão mais rendimentos”, salienta.

Contudo, refere Nuno Nunes, “se conseguir uma rentabilidade de 10% está a fazer um ótimo investimento, porque a rentabilidade duplica”, isto porque, “a rentabilidade típica no investimento residencial anda entre os 4% e 5% nas zonas primes. Se com esse apartamento conseguir uma rentabilidade acima desse valor está claramente a fazer um bom negócio”, explica o responsável da CBRE.

Outra análise que deve fazer é “perceber se está a comprar em termos do valor do m2, abaixo ou acima do preço zona. Se for acima está a fazer um mau negócio a menos que esse apartamento tenha alguma característica diferenciadora como é o caso de um jardim”, sublinha Nuno Nunes. ●